

# OS VERBOS PSEUDO-REFLEXIVOS EM PORTUGUÊS EUROPEU

Paula Fonseca (\*)

metadesomente@gmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centro de Linguística da Universidade do Porto  
(Portugal)*

RESUMO. Com este trabalho, pretende-se mostrar que os pronomes clíticos inerentes estão estreitamente ligados à presença de um complemento preposicional de certos verbos em Português Europeu. Os verbos pronominais sofrem *detransitivização* apenas no sentido estrito de seleção de um complemento SN OD. Seleccionam, não obstante, um SPrep como complemento.

Uma vez que na literatura há propostas segundo as quais os verbos reflexos são inacusativos, estudamos também o comportamento dos verbos pseudo-reflexos relativamente a esta temática, concluindo-se que estes ora se aproximam dos inacusativos, ora se aproximam dos inergativos.

Apresenta-se, finalmente, uma lista de verbos inerentemente reflexos com que surgem os complementos prepositivos que têm como núcleo as preposições *de* e *com*.<sup>1</sup>

PALAVRAS-CHAVE. verbos pronominais, verbos reflexos, verbos pseudo-reflexos, clíticos.

ABSTRACT. With this study we aim to show that for certain verbs in European Portuguese, inherent clitic pronouns may be regarded as intrinsically connected to the prepositional verb complement. Furthermore, we notice that *detransitivization* only happens in the sense that they no longer select a nominal phrase as a direct object; nevertheless they demand a prepositional complement.

---

\* Estudante do Doutoramento em Linguística da FLUP.

<sup>1</sup> Este trabalho tem como ponto de partida Fonseca, Paula (2010). *Os verbos pseudo-reflexos em PE*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Besides this, we study the nature of inherent reflexive verbs in order to check if they are unaccusative or unergative. We concluded that some are close to unaccusative, others are close to unergative.

Finally, a list of inherent reflexive verbs, which occur with the prepositional complements “de” (of) and “com” (with), is presented.

KEY-WORDS. pronominal verbs; reflexive verbs; inherent reflexive verbs; clitics.

### 1 - Introdução

O objetivo deste trabalho é o de compreender a natureza dos verbos pseudo-reflexos em PE. Pretende-se tentar perceber a estreita ligação entre os SPreps precedidos de *de* e *com* e os verbos pseudo-reflexos. Discutir-se-á ainda a natureza destes verbos, nomeadamente a sua natureza inacusativa ou inergativa.

De modo a conseguir os objetivos acima traçados, o trabalho está organizado da seguinte forma:

- Análise da noção de verbos reflexos verdadeiros e verbos pseudo-reflexos;
- Discussão acerca da natureza transitiva/inacusativa/inergativa dos verbos reflexos;
- Classes de verbos pseudo-reflexos e a relação com o SPrep;
- Breve descrição do uso de verbos pseudo-reflexos em duas variantes do PE (PB e PM);
- Conclusão.

### 2- Análise da noção de verbos reflexos verdadeiros e verbos pseudo-reflexos

Na tradição gramatical luso-brasileira, é costume distinguir verbos reflexos/reflexivos (Barbosa 1830) ou reflexos verdadeiros (Vilela 1992) e verbos pronominais (Barbosa 1830) ou reflexos falsos<sup>2</sup> (Vilela 1992).

De acordo com Barbosa (1830), quando a ação recai sobre o sujeito, estamos perante verbos reflexos (reflexos verdadeiros); quando tal não acontece, ocorrem os verbos pronominais, também designados de reflexos falsos/pseudo-reflexos/reflexos inerentes, dos quais existem inúmeros exemplos em PE: *abster-se, arrepende-se, atrever-se, apegar-se, compadecer-se, descuidar-se, esquecer-se, gloriar-se,*

---

<sup>2</sup> Aqui designados de pseudo-reflexos ou inerentes.

*jactar-se, queixar-se*, etc. (cf. Barbosa 1830: 258). Esta distinção é mantida pela generalidade dos gramáticos portugueses (cf. Brito, Duarte e Matos 2003).

Para fundamentar esta distinção, Vilela (1992) propõe alguns testes. Estes estão ilustrados no quadro A.

No quadro A, encontramos um V reflexo verdadeiro, o verbo *lavar-se*, que difere de um V pseudo-reflexo/inerente, como por exemplo, *arrepender-se*. (cf. Vilela 1992:77 e ss). Vejamos como ambos se comportam relativamente a quatro testes: interrogação, substituição, coordenação e modificação.

QUADRO A. Verbos: uso reflexo verdadeiro e uso inerente

verbo <b>Lavar-se</b>	verbo <b>Arrepender-se</b>
<b>uso reflexivo</b>	<b>uso reflexivo inerente</b>
(1) (a) <b>interrogação:</b> (a) quem lava ele?	(2) (a) *(a) quem arrepende ele?
(1) (b) <b>substituição:</b> ele lava o bebé	(2) (b) * ele arrepende o bebé
(1) (c) <b>coordenação:</b> ele lava-se a si e ao bebé	(2) (c) * ele arrepende-se a si e ao bebé
(1) (d) <b>modificação:</b> ele lava-se apenas a si	(2) (d) * ele arrepende-se apenas a si

OBS.: Quadro adaptado de Vilela (1992:77)

Os comportamentos discriminados no quadro A permitem distinguir dois tipos de verbos reflexos: os verbos reflexos verdadeiros e os verbos pseudo-reflexos. Assim, com o verbo *lavar-se* é possível integrar o SN - seu objeto (1) (a), substituir o reflexo por um SN (1) (b), coordenar o reflexo com outro complemento (1) (c) e afetar o reflexo através de um advérbio de exclusão (1) (d). Pelo contrário, com o verbo pseudo-reflexo *arrepender-se*, se integrarmos o SN - seu objeto (2) (a); se substituímos o reflexo por um SN (2) (b); se coordenamos o reflexo com outro complemento (2) (c) e se afetarmos o reflexo através de um advérbio de exclusão (2) (d), obtemos frases agramaticais. Assim, Vilela (1992) conclui que os primeiros são verbos transitivos e os segundos não são.

Semanticamente há também diferenças entre os verbos reflexos verdadeiros e os pseudo-reflexos. Vilela defende que, nas construções com verbos falsos reflexos, o valor do sujeito é de “paciente”, pois é “vítima” da ação que ele não “pretendeu” ou teve “intenção” de efetivar (cf. Vilela (1992:78).

3- *Discussão acerca da natureza transitiva/inacusativa/inerativa dos verbos reflexos*

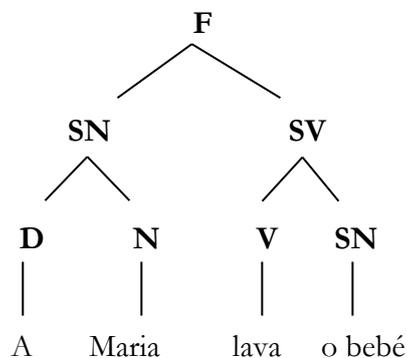
Para a gramática tradicional, um V reflexo verdadeiro é considerado transitivo. Relacionem-se os exemplos (3) e (4).

(3) A Maria lava o bebé.

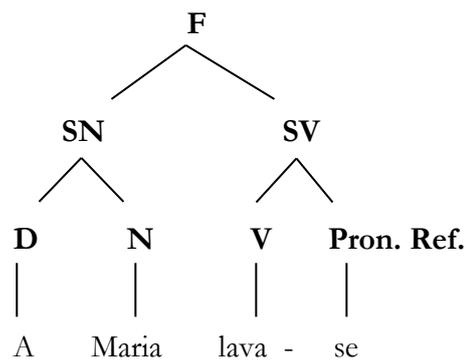
(4) A Maria lava-se.

Estes exemplos teriam uma estrutura sintática similar, como se descreve simplificada em (5):

(5) (a)



(5) (b)



No entanto, a transitividade dos verbos reflexos não é uma questão pacífica.

Hopper e Thompson (1980), por exemplo, defendem que as estruturas reflexas deveriam ser entendidas como estruturas de estatuto intermédio entre as *verdadeiramente transitivas e as intransitivas*. Givón (2001) atribui às construções reflexas (e às recíprocas) transitividade atenuada (“*lower transitivity*”) (ver no mesmo sentido Ribeiro (2011:70-73) para o PE).

Cinque (1995) desenvolve a ideia de que nem todos os clíticos do tipo *se* são iguais. Ele distingue três tipos de *se*: o *se* verdadeiro reflexo, com estatuto argumental, como no exemplo (6); e dois outros *se* com valor não argumental, o *se* reflexo ergativo (7) e o *se* reflexo inerente (8).

(6) A Antónia lavou-se rapidamente.

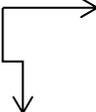
(7) O copo quebrou-se com o calor.

(8) A Helena esqueceu-se do trabalho no escritório.

O esquema seguinte sintetiza esta distinção (Cinque 1995:190):

## ESQUEMA 1. Clítico Reflexo

[+arg] absorve o papel temático externo e o argumento interno – reflexo verdadeiro

[-arg]  anula o papel temático externo e o argumento interno – reflexo ergativo

marca a ausência do papel temático externo e do argumento interno – reflexo inerente

No esquema acima exposto, somente os clíticos reflexos *verdadeiros* absorvem o papel temático do argumento externo; em construções com os pronomes clíticos pseudo-reflexos não há papel temático nem Caso atribuído pelo V, porque não são argumentais.

Também Brito, Duarte e Matos (2003) defendem que os pronomes clíticos reflexos verdadeiros são um argumento interno, pela sua possibilidade de redobro, como se percebe pelo exemplo (9).

(9) O Pedro penteou-se *a si mesmo*.

Já investigadores como Marantz (1984), Kayne (1988) e Pesetsky (1995) consideram as estruturas reflexas como estruturas sem argumento externo. Para Pesetsky, o argumento temático externo deixa de ter capacidade de se projetar na sintaxe na sua posição regular, o que leva a que seja o argumento interno a assumir-se como sujeito sintático. Continua, porém, presente na sintaxe através da cadeia formada pelo SN SU e pelo clítico reflexo.

Pesetsky considera por isso que os Vs reflexos são verbos inacusativos. Um argumento a favor deste tese é o facto de em Italiano e em Francês uns e outros se conjugarem, nos tempos compostos, com um equivalente de *ser* (cf. exemplos (10-11)):

(10) (a) Maria è venuta / arrivata.

(10) (b) Marie est venue / arrivée.

(11) (a) Maria si è guardata allo specchio.

(11) (b) Marie s'est vue au miroir.

Esta análise não está, todavia, isenta de problemas.

Em primeiro lugar, verifica-se que o PE não mostra efeito sintático aquando da escolha do auxiliar com um verbo inacusativo ou inergativo para formar tempos compostos, pois os tempos compostos são sempre formados com o auxiliar *ter* quer com verbos reflexos (12) quer com verbos inacusativos (13):

- (12) (a) A Maria tem-se magoado.
- (12) (b) A Maria tem-se visto ao espelho.
- (12) (c) A Maria tem-se lembrado do acidente.
- (13) (d) A Maria tem saído.

Em segundo lugar, há verbos como *suicidar-se*, *pavonear-se*, *rir-se* que não podem surgir numa construção com *estar* que, de acordo com Eliseu (1984), é um dos testes para definir a inacusatividade (ver 14) (a) - (14) (c), em contraste com (15):

- (14) (a) \*O João está suicidado.
- (14) (b) \*O João está pavoneado.<sup>3</sup>
- (14) (c) \* O Manuel está rido.
- (15) O rapaz está morto!

Há, todavia, outros Vs pseudo-reflexos que podem surgir com o V auxiliar “estar”. Atente-se nos exemplos seguintes:

- (16) Eu não estou lembrada desse dia. /Não me lembro desse dia.
- (17) Eu estou esquecido de muitas coisas. /Esqueci-me de muitas coisas.

Vemos assim que os verbos reflexos não passam homogeneamente pelo teste da construção resultativa com *estar*, o que enfraquece a proposta de Pesetsky (1995) relativamente ao PE.

---

<sup>3</sup> Exemplo de Otero (1999:1470 e 1478)

Em terceiro e último lugar, os verbos reflexos verdadeiros e os verbos pseudo-reflexos não se comportam do mesmo modo face ao teste de Particípio Absoluto. (cf. Otero 1999: 1470-78) para o Espanhol, e Duarte (2003) para o Português). Vejamos exemplos com Vs pseudo-reflexos (18-19):

- (18) (a) Ri-me do espalhafato dele.  
(18) (b) \*Rido do espalhafato dele, ....  
(19) (a) Ele cansou-se de ser ministro.  
(19) (b) Cansado de ser ministro, ....

Verifica-se que *rir-(se)* se comporta como inergativo e *cansar-(se)* se comporta como inacusativo; portanto não se confirma, para o PE, a hipótese levantada por Marantz<sup>4</sup> (1984), Kayne (1988) e Pesetsky (1995)<sup>5</sup> sobre a inacusatividade dos Vs reflexos e dos Vs pseudo-reflexos.

Reinhart e Siloni (2003)<sup>6</sup> consideram os verbos reflexos como inergativos. As linguistas sustentam que, ao contrário do Francês, em que, numa construção com uma oração pequena, o reflexo só pode surgir junto do predicado superior (20), em Hebreu e em Inglês pode encontrar-se uma anáfora reflexa na posição de sujeito da oração pequena afetada pelo caso acusativo, como mostram os exemplos (21) (b) e (22) (b):

- (20) Dan se considère intelligent.  
Dan se (refl) considera inteligente  
(21) (a) \*Dan mitxašev intiligenti.  
Dan considera (refl) inteligente  
(21) (b) Dan maxšiv et acmo intiligenti.  
Dan considera se<sub>acus</sub> inteligente

---

<sup>4</sup> Os verbos reflexos têm sido analisados de modos distintos. Marantz (1984) sustenta que existe uma restrição na reflexivização nas construções de Marcação Excepcional de Caso (ECM) e defende, por isso, que a operação lexical de redução argumental que define os verbos reflexos afeta apenas o argumento externo (não o interno) e o sujeito dos Vs reflexos é um sujeito derivado. Chierchia (2004) também defende que nos verbos reflexos ocorra uma operação de redução, mas num sentido contrário ao de Marantz, uma vez que os Vs reflexos perdem o seu argumento interno (*apud* Brito (2012)).

<sup>5</sup> *Apud* Brito (2012).

<sup>6</sup> *Apud* Brito (2012).

(22) (a) \*Dan considers intelligent.

(22) (b) Dan considers himself intelligent.

Esta análise leva Reinhart e Siloni a defenderem que em línguas como o Hebreu, o Neerlandês, o Russo, o Húngaro, o Inglês, a operação de redução argumental que faz dos verbos reflexos verbos de um argumento (externo) atua no Léxico (cf. (21) (b) e (22) (b)); em línguas como as Românicas, no Alemão, no Servo-Croata, no Grego, a redução ocorre a nível da Sintaxe, tornando irrealizável a reflexivização do sujeito de uma oração pequena.

Enunciados os argumentos sobre a inacusatividade e inergatividade dos verbos reflexos, no que se refere aos verbos pseudo-reflexos, concluímos que a proposta de Otero (1999) para o Espanhol, segundo a qual, grosso modo, os verbos inerentemente reflexos ora se aproximam dos verbos *inacusativos* (como *cansar-se*) ora se aproximam dos *inergativos* (como *rir-se*), parece ser a posição mais adequada para o PE.

Tomemos então o verbo pseudo-reflexo *lembrar(-se)*. De acordo com os nossos juízos de gramaticalidade, este verbo admite duas variantes: uma não reflexa (23) (a) e uma reflexa (23) (b).

(23) (a) Eu lembro as férias.

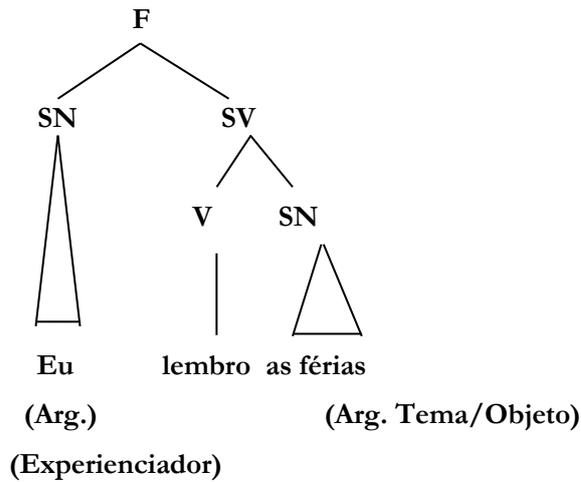
(23) (b) Eu lembro-me das férias.

Na construção (23) (a), usa-se o verbo *lembrar*, na sua vertente não reflexa, em que um SN OD é o complemento do V, o seu argumento interno, com o papel temático de Tema; a estrutura sintática é simplificada descrita em (24)(a).<sup>7</sup>

---

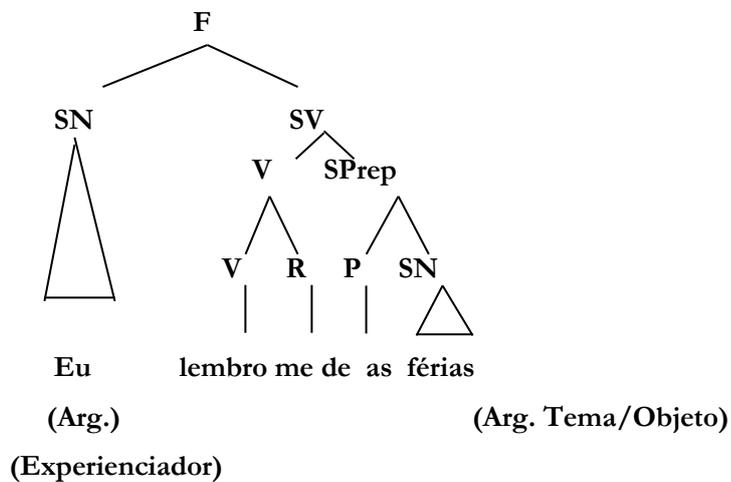
<sup>7</sup> Adotamos aqui a proposta de análise de papéis temáticos de Eliseu (1984:57-59).

(24) (a)



Já em (23) (b), não existe um SN OD, mas um SPrep. Neste segundo exemplo, o verbo *lembrar* deixou de ser transitivo no sentido estrito de seleção de um OD. Cremos, todavia, que continua a exigir a ocorrência de um segundo argumento interno, preenchido pelo SPrep; a estrutura simplificada de (23) (b) está descrita em (24) (b):

(24)(b)



Adotamos, assim, com base em Choupina, Guedes e Brito (2010), uma noção mais alargada de transitividade. Estas investigadoras consideram que transitividade é a relação que existe entre um

predicado poliádico e os seus dois ou mais argumentos internos. Assim, Vs como *ir, sair, entrar* são transitivos indiretos porque, apesar de não selecionarem um SN OD nem OI, requerem obrigatoriamente um complemento oblíquo, categorialmente – Sprep ou ADV. Quanto ao pronome reflexo, ele não representa nenhum argumento do verbo e a sua função é quase afixal. (cf. Burzio (1986).

Assim, em construções com verbos pseudo-reflexos como: *Eu lembro-me das férias*. – ainda que não exista um OD, coocorrem dois argumentos, a saber: o argumento externo com a função de SU - *Eu* – (Experienciador) e um outro argumento como complemento preposicional, exigido pelo predicado verbal pronominal em análise. O SPrep é formado pela preposição *de* e pelo SN *as férias* e é a essa preposição que é atribuído caso (abstrato) ao SN.

Em síntese, tendo em consideração a análise feita acima para os verbos pseudo-reflexos, enunciamos, de seguida as propriedades mais relevantes dos pronomes clíticos pseudo-reflexos em PE:

- (i) não são substituíveis pela paráfrase: *a si mesmo/próprio* (ou por outras de sentido equivalente);
- (ii) não há, aparentemente, facto algum que pareça obrigar ao uso deste tipo de clítico – uma vez que não lhes é atribuída nenhuma relação temática ou semântica. São, por isso, chamados de pseudo-reflexos/reflexos inerentes/falsos reflexos;
- (iii) como não lhes é atribuída nenhuma relação temática ou semântica, não são argumentais e têm uma natureza quase afixal;
- (iv) nas construções em que são integrados, estes clíticos não geram verdadeiras anáforas porque não são argumentais; mas, sendo reflexos inerentes, efetivam, contudo, uma relação que pode ser designada de pseudo-anafórica;
- (v) acompanham verbos que não parecem ser homogéneos quanto à sua natureza, aproximando-se ora de verbos inacusativos ora de verbos inergativos;
- (vi) como consequência desta natureza, a presença de um SPep que assume, nas construções com Vs pseudo-reflexos, o papel de argumento interno do V, torna-se uma consequência do carácter afixal do pseudo-reflexo.

#### 4- *Classes de verbos pseudo-reflexos e a relação com o SPrep*

Neste ponto, apresentamos os verbos pseudo-reflexos que são regidos pelas seguintes preposições: *de* e *com* e que se interligam com os pronomes clíticos pseudo-reflexos.

Os verbos pseudo-reflexos que selecionam um SPprep em de e que destacamos são:

*verbos de experiência psicológica;*

*verbos possessivos/indicadores de posse;*

*verbos indicadores de movimento físico;*

*verbos simétricos.*

Observe-se, então, o quadro B.

QUADRO B. Verbos pseudo-reflexos acompanhados pela preposição *de*

PREPOSIÇÃO: <i>DE</i>			
VERBOS: EXPERIÊNCIA PSICOLÓGICA; <sup>8</sup>	Aperceber-se de; Abstrair-se de; Cansar-se de; Chorar-se de; <sup>9</sup> Despedir-se de; Esquecer-se de; Fartar-se de; Lembrar-se de; Olvidar-se de; Recordar-se de; Rir-se de Sorrir (-se) <sup>10</sup>	VERBOS POSSESSIVOS  OU  INDICADORES DE POSSE	Apoderar-se de; Apropriar-se de; Aproveitar-se de Assegurar-se de; Utilizar-se de
VERBOS INDICADORES DE MOVIMENTO FÍSICO	Afastar-se de; Aproximar-se de; Erguer-se de; Levantar-se de; Retirar-se de	VERBOS SIMÉTRICOS	Divorciar-se de; Separar-se de

A lista apresentada mostra os verbos pseudo-reflexos que selecionam um SPrep com a preposição *de* e que não dispensam o uso do pronome clítico inerente nas construções em que

<sup>8</sup> Não estão incluídos nesta lista qualquer verbo volitivo ou optativo.

Note-se ainda que há outros verbos que também denotam experiências psicológicas, como por exemplo: *amar*; *adorar*; *detestar*, etc. e aos quais é possível juntar o clítico “me”, bem como aplicar a paráfrase: *a mim mesmo/a mim próprio*. São, todavia, verbos que, enquanto pronominais, ocorrem com pronome clítico reflexo verdadeiro e não pseudo-reflexo: (i) Detestei-*me* por agir de forma tão patética.

<sup>9</sup> Há uma mudança de significado quando se utiliza o verbo *chorar* com um clítico reflexo. Neste caso *chorar* significa: *queixar-se*, *lastimar-se chorando*. É importante dizer ainda que, utilizando a variante transitiva de alguns verbos, há mudança de significação em relação ao uso pronominal: (i) Abri a janela; (ii) Abri-*me* com a minha melhor amiga.

<sup>10</sup>No que se refere particularmente ao verbo *sorrir*, este verbo é pseudo-reflexo somente quando significa:

1. rir sem gargalhada, fazendo apenas um pequeno movimento com os lábios;
2. deixar escapar um sorriso.

Vejam-se os exemplos seguintes:

- (i) Sorri-*me* para ele durante alguns segundos.
- (ii) Ela sorriu-*se* timidamente.
- (iii) Eles sorriram-*se* com o acontecido.

Assim, o verbo *sorrir* surge com um pronome clítico pseudo-reflexo quando é semanticamente próximo do verbo *rir*.

ocorrem. Em nenhum destes casos podem os pronomes clíticos pseudo-reflexos ser parafraseados por *a mim próprio, a mim mesmo; a ti próprio, a ti mesmo* ou outras de sentido equivalente.<sup>11</sup>

Os verbos pseudo-reflexos que selecionam um SPrep em *com* e que destacamos são:

*verbos de abstração/ ação mental/física;*

*verbos emotivos;*

*verbos simétricos.*

Observe-se o quadro 7.

---

<sup>11</sup> Esta lista não é fechada. Trata-se, apenas, de uma amostra para indicar o padrão deste género de verbos.

QUADRO 7. Verbos pseudo-reflexos acompanhados pela preposição *com*:

	PREPOSIÇÃO <i>COM</i>		
VERBOS DE ABSTRACÇÃO/ ACÇÃO MENTAL  E FÍSICA* <sup>12</sup>	<b>Absorver-se com;</b> <b>Admirar-se com;</b> <b>Atrofiar-se com;</b> <b>Concentrar-se com/em;</b> <b>Debater-se com;</b> <b>Enfadar-se com;</b> <b>Enganar-se com;</b> <b>Estafar-se com;</b> <b>Fatigar-se com;</b> <b>Mentalizar-se com/em;</b> <b>Moer-se com;</b> <b>Preocupar-se com;</b> <b>Prevenir-se com/em</b>	VERBOS EMOTIVOS	<b>Aborrecer-se com;</b> <b>Alarmar-se com;</b> <b>Alegrar-se com;</b> <b>Antagonizar-se com/a/em/por;</b> <b>Chatear-se com;</b> <b>Deleitar-se com;</b> <b>Deliciar-se com;</b> <b>Desassossegar-se com;</b> <b>Divertir-se com;</b> <b>Enfurecer-se com;</b> <b>Enervar-se com;</b> <b>Ensimesmar-se com;</b> <b>Entristecer-se com;</b> <b>Exceder-se com;</b> <b>Humilhar-se com/a/em/por;</b> <b>Indignar-se com;</b> <b>Inquietar-se com;</b> <b>Impressionar-se com;</b> <b>Irritar-se com;</b> <b>Orgulhar-se com/a/em/por/de;</b> <b>Passar-se com;</b> <b>Zangar-se com;</b>
VERBOS SIMÉTRICOS	<b>Casar-se com;</b> <b>Parecer-se com<sup>13</sup></b>		

<sup>12</sup>Atentemos sobre as seguintes diferenças:

- o verbo *trabalhar* pode ser regido da preposição *com*, mas enquanto verbo transitivo não é um verbo de abstração ou de atividade mental.

- o verbo *cismar* também pode ser regido da preposição *com*; é um verbo de atividade mental. Este pode, todavia, ser transitivo e intransitivo, enquanto os verbos em análise não podem; são exclusivamente transitivos quando não pronominais.

Ainda em relação ao verbo *trabalhar*, analisemos a frase: (i) A farinha trabalha-se com a manteiga. Este é um exemplo de *se*-ergativo.

<sup>13</sup> *Parecer-se com* (no sentido físico)

A lista apresentada acima mostra verbos pseudo-reflexos que selecionam um SPrep com a preposição *com* e que não dispensam o uso do pronome clítico inerente nas construções em que ocorrem. Em nenhum destes casos podem ser parafraseados por *a mim próprio, a mim mesmo; a ti próprio, a ti mesmo* ou outras de sentido equivalente.<sup>14</sup>

Em síntese, os pronomes clíticos pseudo-reflexos estão em PE estreitamente ligados aos Sprep *de* + SN e *com* + SN. O SPrep acaba por ser o argumento interno dos Vs em causa e o pronome clítico pseudo-reflexo não é argumental, funcionando quase como afixo (Burzio 1986). A *destransitivização* tradicionalmente associada a estes verbos ocorre apenas no sentido em que os verbos deixam de selecionar um SN com a função de Objeto Direto para ocorrerem com um SPrep.

##### 5- Breve descrição do uso de verbos pseudo-reflexos em duas variantes do PE (PB e PM)

Como se sabe, na gramática do Português do Brasil (PB), a colocação pré-verbal do clítico – próclise - é a mais corrente:

(25) *Me* empreste o seu livro.

A colocação pós-verbal do clítico, forma não marcada em PE, ainda que não esteja completamente dissipada no PB, está circunscrita ao uso de falantes com um nível mais elevado de escolaridade ou de faixa etária mais elevada e, também, a registos mais formais de comunicação. (cf. Lucchesi e Lobo (1996:309).

No que diz respeito aos verbos reflexos inerentes ou falsos reflexos, Pereira (2006) fornece dados de alguns verbos que apresentam duplicação do uso do clítico, um em próclise, outro em ênclise. Salienta, contudo, que este facto é de uso não padronizado, sendo apenas comum em dialetos do interior e usado por certos grupos populacionais. (cf. Pereira 2006:34):

(26) *Me* lembrei-*me*. . .

(27) E não foi essa a primeira vez que a minha irmã *se* encasquetou-*se* com esse meu sobrinho.

---

<sup>14</sup> Esta lista não é fechada. Trata-se, apenas, de uma amostra para indicar o padrão deste género de verbos.

Numa tendência contrária à apresentada acima, Pereira (2006:32-33) mostra também que os pronomes clíticos não argumentais são os que mais tendem a estar omissos em PB, i.e., têm uso opcional. Dá como exemplo o verbo *apaixonar-se* que, em alguns dialetos do PB, inversamente ao PE, não é usado como verbo pronominal:

(28) A Maria apaixonou pelo homem errado.

Repare-se que ambas as tendências são explicáveis pelo carácter possivelmente afixal do pronome clítico pseudo-reflexo, que pode ser suprimido e, pontualmente, duplicado pois não é argumento do verbo.

De acordo com Gonçalves (1996), os padrões de ordem dos clíticos no Português de Moçambique (PM) são também caracterizados por alguma instabilidade, contrariamente ao que acontece em PE (cf. Gonçalves 1996:317).

Apesar dessa inconstância, Gonçalves indica que, tendencialmente, a ordem não marcada em PM é a ênclise, mesmo em frases subordinadas, contrariamente ao exigido na norma europeia, que opta pela próclise. (*ibidem*):

(29) Há pessoas [que opõem-*se* contra a religião].

Gonçalves refere ainda que os clíticos reflexos argumentais são, grosso modo, utilizados à semelhança do PE. Porém, no que diz respeito aos pronomes clíticos pseudo-reflexos, enfoque do presente trabalho, eles mostram tendência para desaparecer, porque, segundo a mesma linguista, não desempenham nem função sintática nem detêm papel semântico. (cf. Gonçalves (1996:317 e ss).

Curiosamente, os pronomes clíticos reflexos inerentes podem, todavia, surgir, em PM, com alguns verbos, mostrando um carácter não argumental, mas assinalando, nesses casos, a afetação ao Sujeito [+humano], como se mostra nos exemplos ((30)-(31)). Note-se que estes exemplos não seriam aceitáveis na norma padrão em PE:

(30) O rapaz simpatizou-*se* com essa moça. (=... simpatizou com essa moça)

(31) O Fernando preferiu-*se* de tal rapariga. (=... preferiu tal rapariga)

Em suma, os dados demonstram que em PM e em PB a ocorrência de pronomes clíticos reflexos inerentes é menos sistemática do que em PE. Há uma tendência pronunciada para a supressão destes clíticos; pontualmente, para a sua duplicação e até para o seu uso em verbos que não os selecionam em PE; tudo isto poderá ser um argumento a favor da natureza quase afixal dos mesmos.

#### 6- Conclusão

Procurou-se, no decurso deste trabalho, perceber melhor a natureza sintática dos verbos designados falsos reflexos/pseudo-reflexos/reflexos inerentes.

Discriminaram-se dois tipos de verbos, designadamente: os verbos reflexos verdadeiros e os verbos reflexos falsos, com base em certos testes clássicos fornecidos por Vilela (1992).

Discutimos no ponto 3, os trabalhos de Kayne (1988), Pesetsky (1995), Cinque (1995) e Reinhart & Siloni (2003) relativos à transitividade/inacusatividade/inergatividade dos verbos reflexos. Mostramos que a proposta de Otero (1999) segundo a qual os verbos reflexos inerentes não são homogéneos quanto à inacusatividade e inergatividade é a mais adequada para o PE, não se justificando a proposta segundo a qual todos os verbos reflexos são inacusativos.

Procuramos, em seguida, mostrar que os verbos pseudo-reflexos selecionam a presença de dois argumentos: o externo, o SU; o interno, o complemento preposicional. A *destransitivização* nas construções pseudo-reflexas ocorre apenas no sentido estrito de não seleção de um OD/OI. Se a noção de transitividade for tida de modo mais abrangente, então há transitividade nas frases com verbos reflexos inerentes, isto porque o argumento interno é o SPrep. Ainda no ponto 4, apresentamos duas listas representativas de verbos pseudo-reflexos em PE, uns que selecionam o SPrep *de* e outros que selecionam o SPrep *com*.

O ponto 5 apresenta dados sumários do PB e do PM, no que se refere ao uso de pronomes clíticos pseudo-reflexos. Os seus comportamentos reforçam a ideia de que o pronome clítico pseudo-reflexo tem uma natureza quase afixal; de qualquer modo, poder-se-á dizer que nas duas variantes a ocorrência de pronomes clíticos inerentes é menos sistemática do que em PE.

## REFERÊNCIAS

- Barbosa, J. S. 1830. *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral applicados á nossa linguagem*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Academia Real das Sciencias, , com licença de Sua Magestade.
- Brito, A.M.; Duarte, I.; Matos, G. 2003. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: M. H. Mateus et al. (Ed.). *Gramática da Língua Portuguesa*. 7.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Caminho, pp. 796-867.
- Brito, A. M. 2012. Sobre a divisão de trabalho entre Léxico e Sintaxe - algumas reflexões. *Actas do XXVII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, 1-44.
- Burzio, L. 1986. *Italian Syntax - A government-binding approach*. Dordrecht: Reidel.
- Choupina, C.; Guedes, C.; Brito, A. M. 2010. Da Linguística ao ensino: as noções de verbo transitivo, intransitivo e ditransitivo. 2º Encontro “A Linguística na Formação dos Professores de Português”. 12 e 13 de Julho de 2010: FLUP.
- Duarte, I. 2003. A família das construções inacusativas. In: M. H. Mateus et al. (Ed.). *Gramática da Língua Portuguesa*. 7.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Caminho, pp. 507-547.
- Eliseu, A. 1984. *Verbos Ergativos do Português: Descrição e Análise*. Provas de Aptidão Científica e Pedagógica. Lisboa: FLUL.
- Fonseca, P. 2010. *Os verbos pseudo-reflexos em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Givón, T. 2001. *Syntax. Vol. II*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Hopper, P.J.; Thompson, S. 1980. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*. **56(2)**: 251-299.
- Kayne, R. 1988. Romance se/si. Conferência de GLOW, Budapeste. GLOW Newsletter, 20.
- Lucchesi, D.; Lobo, T. 1996. Aspectos da sintaxe do Português Brasileiro. In I. Faria et al. (eds.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Caminho, 303-312.
- Otero, C. P. 1999. Pronombres reflexivos y recíprocos. In: I.Bosque; V. Demonte, Violeta (eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Real Academia.
- Pereira, A. L. D. 2006. *Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina; disponível na Internet em <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLLG0354.pdf>, acedido em 25.09.10.
- Pesetsky, D. 1995. *Zero Syntax: Experiencers and Cascades*. Cambridge, MA: MIT.
- Ribeiro, S. 2011. *Estruturas com se anafórico, impessoal e decausativo em Português*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Vilela, M. 1992. *Gramática de Valências – Teoria e Aplicação*. Coimbra: Livraria Almedina.